

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

O SABER-SER DOCENTE NA TELA E AS MEMÓRIAS DE UMA TRAVESSIA: A AUSÊNCIA DO CORPO E A PRODUÇÃO DE PRESENÇA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM CONTEXTO EDUCACIONAL REMOTO.

De Souza Barbosa, Lázaro¹.

Resumo:

Esse trabalho se ocupou em examinar os significados da ausência do corpo para o saber-fazer docente no ensino remoto de História. No acervo de desafios educacionais identificados e experienciados no contexto da pandemia de coronavírus, encontra-se, em específico na área de História, o de entender como a interface digitalizada de ensino impactou na construção do conhecimento histórico escolar, e de como essa experiência repercutiu na prática docente. Nesse sentido, buscou-se compreender, por meio dos trabalhos das memórias (entrevistas), como um grupo de professores/as de história, entre 2020 e 2021 (com experiências em instituições distintas na cidade de Feira de Santana-BA), viveu e percebeu seu trabalho cotidiano num cenário de aulas síncronas, marcado por demandas estruturais e uma sobreposição de crises sociais. Essa pesquisa recorreu aos procedimentos metodológicos da História Oral com Yara Khouri e Cléria Botelho, e a um arco teórico das áreas de história e educação com Maurice Tardif, Durval Muniz de Albuquerque e Ulrich Gumbrecht, tendo como resultado a apreensão de significados complexos e contraditórios sobre o saber-ser docente de história no contexto pandêmico.

Palavras-chave: Ensino; Corpo; História; Covid-19; Educação.

1. Os corpos docentes numa roupagem digital do ensino de história: memórias e saberes profissionais sobre uma travessia pandêmica.

O elenco de ataques ao sistema educacional brasileiro, naturalizado em cortes orçamentários, desvios e abandonos, tem sido histórico e cada vez mais danoso aos grupos sociais que acionam as instituições públicas de ensino nas suas múltiplas dimensões e modalidades. Hoje, salta aos olhos o agravamento desse cenário com o início desta década mergulhado em um acúmulo de crises agudas e de naturezas diversas, todas elas imantadas e aguçadas pela pandemia da Covid-19 num Brasil que assiste incrédulo ao possível sufocamento de mais um lapso democrático na sua história republicana. O retrato das escolas nacionalmente fechadas ocupou o quadro do mundo

¹ Graduado em História, Universidade Estadual de Feira de Santana/BA; lazzosza@gmail.com.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

inteiro, detalhando a nitidez do estrago e das distorções que seriam causadas nos processos de socialização educacional de milhões de crianças, adolescentes e adultos.

As respostas ao afastamento social como medida protetiva foram diversas, assim como os desdobramentos. Também foram inúmeros, pensando aqui o Brasil, os atores e as instituições, os grupos e as organizações de variadas matizes que se empenharam no enfrentamento dos desafios, na busca por caminhos e solução, assim como uma gama de personagens que atuaram permanentemente para sabotar as medidas sanitárias e educacionais ensejadas. As experiências de ensino passaram a ser forjadas, nesse contexto, com a ausência do corpo, numa interface digital que era rasurada com marcas didáticas presenciais, haja a vista a quase inexistente estrutura formativa e de recursos a respeito das Tecnologias da Informação e Comunicação em ambientes virtuais de ensino, dando a ver um emaranhado de improvisos e despreparos que foram sendo contornados arduamente nos fios do processo. Durante essa turbulenta travessia, os corpos docentes e suas práticas se viram agasalhados em mais missões e responsabilidades, assim como em mais angústias, percas e incertezas.

Compreender mais a fundo como foram agenciadas as experiências de ensinar por meio das telas é o mote central aqui, recortando para isso o ensino remoto de história a partir de um conjunto de experiências profissionais de três docentes da rede pública de ensino em Feira de Santana-Ba. Várias questões sobre esses processos podem e precisam ser colocados em âmbitos de pesquisas científicas, em espaços de formação profissional da educação e em fóruns de discussão e decisão envolvidos com os interesses do sistema público de ensino brasileiro. Para fins da investigação aqui empreendida (com muito terreno ainda a ser palmilhado), foram fundamentais as problemáticas sobre o como a docência em história foi exercida em terrenos digitais? O que significou a ausência do corpo para a prática docente de história nessa interface? Quais foram os “efeitos de presença” gerados a partir do ensino remoto de história? E de que forma a experiência digitalizada de ensino afetou os corpos docentes e a produção do conhecimento histórico escolar?

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Obviamente que essas indagações demandam mais fôlego do que o cabível neste texto, mas pensando numa análise ainda inicial sobre as entrevistas e narrativas produzidas, foi possível a identificação de alguns significados sobre o Saber-ser docente na tela, em específico no ensino remoto de história, experienciado por dois professores e uma professora que atuaram no ensino público básico do fundamental II, do ensino médio e de um cursinho pré-vestibular. A professora com o exercício docente no cursinho e no ensino fundamental II, a ser chamada aqui pelo sobrenome Miranda, e os professores atuantes no ensino médio feirense, narrados aqui também pelo sobrenome, no caso professor Silva e professor Rocha. Os objetivos aqui perseguidos são os de tentar compreender como a experiência de ensino remoto repercutiu na prática docente em história; investigar as marcas desta interface de ensino nos corpos e na prática desses/as professores/as; dimensionar os recursos e as estratégias mobilizadas para contornar a ausência do corpo no ensino e compreender quais os significados e as narrativas construídas por esses atores da docência a respeito dessas experiências.

Os trabalhos das memórias – as entrevistas com os/as professores/as – foram examinados por meio dos pressupostos da História Oral, buscando colocar em relevo, nesse contexto, os aspectos qualitativos dessas narrativas. Desenhado esse panorama, o texto agora se alinha em mais duas partes e suas considerações, sendo a primeira com uma breve discussão bibliográfica a cerca dos saberes profissionais da docência e o ensino de história, colocando em cena algumas reflexões produzidas dentro e fora do Brasil e que, no plano conceitual e teórico, contribuíram para tentativa de alcance dos objetivos aqui estipulados. Na segunda parte, o texto envereda para a apresentação e análise dos significados sociais captados nas narrativas produzidas pelos/as docentes que participaram das primeiras entrevistas, sendo que estas se deram por meio de 15 a 20 perguntas, resultando aí em mais de quinze páginas de transcrição escrutinadas para fins deste texto, que traz ao final algumas considerações, ainda que iniciais.

De modo geral, as entrevistas permitiram visualizar um retrato com nuances, com contradições e limites sobre a prática docente de história no ambiente remoto, exigindo ainda mais, por ter se tratado de um contexto devastador e pandêmico, que as pesquisas

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

em âmbito educacional e acadêmico se atentem aos corpos docentes, que se viram trajados em peças nada elegantes de um desfile desesperador de ferramentas digitais no ensino. Compreender a construção das suas memórias e dos seus saberes profissionais sobre esses processos é imprescindível para o fortalecimento dos sujeitos e das instituições que operam por uma educação pública qualificadamente possível.

2. Entre telas e tensões: um trabalho altamente interativo forçado a uma paisagem de distanciamento.

A realidade do ensino remoto emergencial foi encarada de forma assustada, num primeiro momento, por uma grande maioria dos/as docentes no Brasil e no mundo. Por se tratar de um ofício pautado em interações físicas e simbólicas diversificadas, além de estar multissecularmente centrado em desenhos presenciais, o ato de ensinar teve que ser repensado e executado em outras dimensões, lançando mão de recursos e procedimentos até então ainda não dominados.

Para entender parte do impacto desse processo, a obra de Maurice Tardif e Claude Lessard – O Trabalho Docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas – pode contribuir no sentido de evidenciar o como a interatividade social é nevrálgica para a prática docente. Partindo dessa leitura, pode-se inferir que uma mudança drástica nas formas, qualidades e meios dessa interação de ensino e num curto tempo como se deu no contexto de isolamento social por conta da Covid-19, acabou trazendo ainda mais tensões e desafios a serem resolvidos no plano concreto da educação básica. Talvez a chave metodológica que permita o uso dessa obra aqui seja a sua ênfase nos atores escolares. Conforme assinalam Tardif e Lessard (2014), se interessar pelo que os/as professores/as realmente são e fazem, e não para o que deveriam ou não fazer é de suma importância no sentido de uma aproximação real com o chão da escola, sobretudo, quando se trata de uma discussão a respeito dos saberes profissionais que ali atravessam.

Captar como, entre telas e medos, o ensino de história foi de fato vivenciado e produzido por professores/as numa paisagem social turbulenta, é não olvidar que estes

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

sujeitos já eram imbuídos, ainda de acordo com Tardif e Lessard (2014), de uma multidão de missões, sendo que significativa parte delas, traçando aqui um diálogo com o livro *A Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir* do historiador Hans Gumbrecht (2010), sempre teve a ver com a presença real, não podendo a experiência de ensino ser reduzida a uma simples relação de comunicação. Como bem demarcou a professora Miranda em suas narrativas (entrevistas) a respeito do ensinar história no ensino fundamental II e num cursinho pré-vestibular em contexto remoto na segunda maior cidade do Estado da Bahia, “o corpo também fala” e “a ausência do corpo implica” diretamente na qualidade dessa interação. Ainda de acordo com Gumbrecht (2010), é fundamental ser sensível ao modo como o corpo se relaciona com uma determinada paisagem ou com a presença de outros corpos, no caso aqui em questão, seria como os corpos docentes se relacionaram com a ausência dos corpos dos/as estudantes numa paisagem social dinamitada por crises sociais e numa roupagem digitalizada de ensino.

Como esses corpos, vivenciando tempos carregados de incertezas e desalento sociais, se puseram a produzir temporalidades e narrativas históricas a serem experienciadas nas salas de aulas remotas de história em contexto emergencial? Durval Muniz de Albuquerque (2019), em seu texto *Regimes de historicidades: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de história*, registra que o/a professor/a de história deve ser um veículo de experimentação dos tempos em suas diferenças, em suas descontinuidades e em seus deslocamentos, sobretudo, levando em conta que o sentido primeiro da palavra ensino, de acordo com esse pesquisador, remete ao ato de produzir marcas em alguém. Sendo assim, fica explícito que a mudança de interface no ensino alterou o processo de produção dessas marcas, assim como dessas temporalidades e narrativas. Para Albuquerque,

A aula é um acontecimento espaço-temporal. Ela preenche um tempo e um espaço, ela é vivência de um tempo em um dado espaço, ela é materializada ao acontecer em dado lugar e em dado momento [...]. A aula seria (o espaço de ensino) um lugar de vivência de experiências, não apenas de recepção de conteúdos, de experimentação de mundos, de tempos, de historicidades, para além de um burocrático cumprimento de tarefas (ALBUQUERQUE, 2019, p. 222/228).

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Até aqui está sendo posto em relevo o como os processos de ensino não podem ter a sua centralidade nas interações humanas confundidas com um mero conjunto de comunicações e informações a serem estabelecidas, como ficou registrado de diversas formas nas experiências emergenciais de educação, em específico no Brasil. Se voltarmos a Tardif e Lessard (2014) é possível apontar que o ensino remoto emergencial se assemelhou, num primeiro momento, a um processo de tratamento de informação, onde o trabalho docente parecia consistir em apenas cumprir ou executar tarefas e reuniões. No seu livro *Saberes Docentes e Formação Profissional*, Tardif (2014) afirma que o saber do professor carrega consigo as marcas do seu trabalho, sendo ele não somente utilizado como um meio de trabalho, mas produzido e modelado no e pelo trabalho. Diante disso, pode-se dizer que foram inúmeras as marcas simbólicas, psicológicas e físicas geradas no e pelo ambiente virtual de trabalho nos corpos dos/as professores/as que aqui dispuseram suas narrativas por meio das entrevistas. Quando indagada sobre como seu corpo foi afetado pela experiência de ensino remoto, a professora Miranda trouxe ao palco da entrevista dimensões muito vivas do processo histórico vivenciado.

Meu corpo sentiu muito essa experiência, a questão da ansiedade, que tipo assim, intensificou meu problema com o cigarro e a questão de não poder, assim [tempo], deixar esse corpo falar, entendeu, era um espaço muito ali, vazio, sem ninguém pra poder, sabe, falar das amarguras de dar aula, de, sei lá, era uma parada muito, assim, barril assim [...]. E inclusive, essa questão da ansiedade era engraçada que nas aulas, tinham aulas que eu me sentia tão ansiosa que eu suava de mais, o corpo ele respondia, sabe, uma parada muito assim de tá naquele espaço, e tipo assim, a ansiedade que eu falo não só gerada pelo espaço da sala, né, mas com o conjunto de coisas da vida que você tem que gerenciar, e naquele contexto que era de crise, de pandemia [...]. Eu achei engraçada uma questão que eu tava conversando com Joana (colega de trabalho) que ela fala né, ensinar

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

história no fim do mundo, de não saber se amanhã o seu aluno vai tá vivo ou se você mesma vai tá pra dar aula, se você vai ter público pra lhe ouvir, então foi uma parada que o corpo sofreu muito assim, o meu corpo sofreu muito, eu acho [tempo]. Tentei também nesse processo inserir umas paradas de atividade física, pra enfim, né, fazer com que o impacto não fosse tão forte (MIRANDA, 2022).

As tensões que circundaram os corpos docentes e também dos estudantes foram várias. Nesse contexto, o entendimento da docência como um mero produzir e repassar informações foram ainda mais reforçados em diversas instâncias, escamoteando assim o papel, a necessidade de integridade e a importância do corpo para o ensino e a aprendizagem histórica. Também é relevante pontuar aqui, algo que Tardif (2007) já chamava atenção na primeira década deste século, que era a questão de como as novas tecnologias interviam diretamente na estrutura sociofísica do trabalho do professor, cumprindo assim, como bem diria Gumbrecht (2010), o sonho da onipresença prometido pelas tecnologias contemporâneas de comunicação, onde se busca fazer a experiência vivida tornar-se quase independente dos locais que nossos corpos ocupam no espaço. Como destacou a professora Miranda, “estar naquele espaço” (virtual de ensino), “naquele contexto que era de crise, de pandemia” e “deixar o corpo falar” era algo quase inviável, ou seja, é indissociável, a relação entre corpo e espaço, seja ele qual for.

Ainda nesse âmbito, Tardif (2007) sinaliza que as tecnologias da comunicação suscitam a questão de uma possível dissociação entre as instituições escolares e a escolarização como processo de formação das crianças, jovens e adultos, o que também se mostra truncado, se levarmos em consideração que o apartamento dessas relações e processos não se dará somente baseado no desejo e alaridos de alguns grupos sociais. Para o entendimento desses processos entre telas e tensões, fez-se necessário,

Um deslocamento da pesquisa, indo das estruturas para os processos, do sistema institucional para os locais diários de trabalho, dos grandes atores coletivos que modelaram a escola atual (sindicato, universidades, administração, poder político) para os atores cujas

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

práticas asseguram a perpetração e também, em certa medida, a transformação das formas e conteúdos da escolarização (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 38).

A partir desse movimento, possível aqui por conta das entrevistas com três professores/as de História em Feira de Santana-Ba, foram capturados alguns significados, a serem destacados na próxima parte do texto, sobre o ensinar remotamente história. Até aqui, buscou-se expor, ainda que de forma breve, um quadro teórico viável para a execução e continuidade da pesquisa acerca dos saberes profissionais da docência, em específico no ensino de história, em uma paisagem remota e seus impactos no corpo e na prática dos atores em questão.

Ficou evidente que as marcas, temporalidades e narrativas históricas produzidas tiveram que ser outras, ainda que cercadas por desenhos didáticos presenciais, a produção de presença e de sentido tiveram que se dar em arenas digitais, e é trazendo mais vozes para o texto que agora trataremos dos trabalhos de memórias e suas travessias em tempos pandêmicos. As entrevistas puseram no palco da investigação aqui em curso um conjunto diverso e contraditório de significados sobre o que foi ensinar história remotamente e quais as implicações desse processo tanto para o ensino e a aprendizagem, como para os corpos imersos no processo.

3. Se enxergando na tela: o ensino remoto de história e alguns dos seus significados para a docência.

As entrevistas que alimentaram esse texto foram realizadas em momentos distintos do ano de 2022, buscando entender como os/as professores/as vivenciaram e perceberam as experiências de ensino de história em contexto de afastamento social. Como já exposto, esses personagens, ao longo dos anos de 2020 e 2021, transitaram entre aulas síncronas no ensino fundamental II e médio da rede pública de ensino em Feira de Santana/BA, assim como em cursinho pré-vestibular na mesma cidade que está situada na mesorregião do Centro Norte baiano. O critério de seleção dos/as entrevistados foi basicamente o de ter lecionado história em ambiente remoto durante o

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

contexto de pandemia. De forma marcante, as entrevistas funcionaram como um primeiro espaço de reflexão sobre as práticas dos/as docentes envolvidos/as com a experiência digitalizada do ensino de história, o que acaba reforçando a necessidade de mais investigações a respeito desses processos. Como bem apontam Cristiano Nicolini e Kênia Medeiros (2021) no seu trabalho *Aprendizagem Histórica em tempos de pandemia*, as repercussões desta experiência na dinâmica de diferentes aprendizagens da educação básica do Brasil, durante e após o período de distanciamento social e das aulas remotas, tornaram-se importante tema, seja no âmbito acadêmico ou escolar.

Examinando as entrevistas, foi possível identificar um conjunto não homogêneo de significados a respeito do que foi ensinar história remotamente. Vale dizer, recorrendo a Tardif e Lessard (2014), que a experiência de cada professor/a é bem própria, porém ela não deixa de ser também a de uma coletividade que partilha o mesmo universo de trabalho, com todos os seus desafios e suas condições, sendo assim, o interesse nutrido aqui pelas práticas cotidianas da docência em âmbito remoto guarda íntima relação com o seu potencial de alteridade.

Nas narrativas urdidas pelos/as professores/as, ensinar história em tempos de pandemia e em ambiente remoto significou, dentre outras questões, a contradição do corpo que era negativamente afetado pelo contexto da sala virtual e que, ao mesmo tempo, concebia essa sala como um dos poucos espaços de vivência coletiva no dia a dia de isolamento social, ou seja, para os/as docentes entrevistados, o fato de dar aula remotamente agigantou ansiedades, lacunas e desafios, mas também, tratando-se de um cenário de intensa deterioração social, possibilitou a escuta e a troca com estudantes, amenizando ainda que timidamente os efeitos do afastamento. Nesse contexto, ensinar remotamente também significou ter que conhecer, se adaptar, buscar e aprender novas linguagens no universo da docência, tornando cada vez mais solitária, segundo as narrativas empreendidas pelos/as professores/as, a travessia por esse processo. Por outro lado, o fato de ter ensinado remotamente, para os/as profissionais aqui em questão, significou uma possibilidade real de reflexão sobre a prática docente em história, assim como um reconhecimento da importância do corpo para essa área de ensino.

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Outro significado identificado nesse processo foi o de se enxergar (literalmente) na docência, o ver-se atuando, o enxergar-se no lugar de produção do conhecimento histórico escolarizado, mesmo, nessa mesma linha, estando diante de um alunado até então, para muitos, desconhecidos. Vários/as docentes apontam que até hoje não conheceram fisicamente os/as estudantes para quem lecionaram nesse processo, obviamente por terem ensinado em turmas não trabalhadas antes, o que de alguma forma sinaliza para tensa e paradoxal presença e ausência dos corpos ali envolvidos. Narrar oralmente essas experiências foi como reconstruir partes desses processos, só que com indagações até ali não colocadas por aqueles/as sujeitos. Muita coisa ainda não tinha sido perguntada, era como se tivessem passado pelo processo, mas sem ainda tecer suas próprias narrativas sobre, já que os sujeitos da história não só atuam no processo, mas também narram os mesmos.

A pesquisadora Cléria Botelho da Costa (2014), pensando a História Oral no texto *A Escuta do Outro: os dilemas da interpretação*; afirma que,

A narrativa oral é elaborada por sujeitos com aspirações, emoções, que, com suas mãos, fiam ou fiam o tecido vivo de sua história. Assim, as narrativas orais constituem uma expressão da experiência humana, como uma ordenação dos acontecimentos, tecida pela voz dos narradores. É a primeira interpretação (COSTA, 2014).

Investigando essas interpretações primeiras sobre a ausência do corpo no ensino de história, e a polifonia de vozes entre narrador e pesquisador, por exemplo, que se tornou possível aproximar-se do mundo concreto de quem vivenciou essas experiências. Dialogando com Yara Aun Khoury (2001), ao discutir *Narrativas Oraís na investigação da História Social*, pode-se afirmar que entrevistas em muito contribuem para apreender os significados das relações sociais, assim como para o uso das narrativas e das memórias individuais na explicação histórica.

Inspiradas nessas questões, as entre/vistas foram iniciadas com o questionamento sobre o que significou a ausência do corpo para o ensino de história? Quase que pegos de surpresas pela indagação, a professora Miranda e os professores Rocha e Silva se viram refletindo sobre a importância do corpo para ensinar e aprender história. Segundo

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

Durval Muniz de Albuquerque (2019), os historiadores, assim como os professores de modo geral, fogem dos corpos. Pensando nisso, quando indagada sobre o que significou lecionar sem esses corpos fisicamente presentes, a professora Miranda apontou que,

Foi muito desafiador, eu acho que pela própria proposta que você coloca, a ausência do corpo na sala de aula, isso implica, primeiramente, na falta de interação, né, porque não é só a fala que fala, mas o corpo também que fala. Difícil entender ali se o aluno tá entendendo ou não, se ele tá dialogando ou não com o que você fala. E a questão de você ensinar olhando pra telas vazias, isso foi extremamente difícil, pra mim foi difícil sabe? Foi um processo que foi difícil. E essa experiência de você lidar com as tecnologias, com a câmera, eu sou uma pessoa que não sou tão afeita à imagem, e você vê sempre ali estampado, só sua imagem, sem saber como os alunos estão recebendo, é difícil, foi um processo bem difícil (MIRANDA, 2022).

Nota-se aqui o dilema de ver-se em tela no ato de ensinar, mas quase não ver os/as estudantes, tendo em vista que, pelo contexto, muitos não abriam as câmeras ou se quer tinham fotos nos ícones que representavam suas presenças ali. O corpo tem um papel fundamental no ensino de história, não só no que competem às narrativas, cognições e afins, mas, sobretudo, no que tange a uma espécie de economia dos gestos. O professor Silva ressaltou muito bem essa dimensão.

Eu penso sobre como essa fita de falar com o corpo também funciona muito pra gente que é “profi”, assim, a gente é muito de gesticular, sabe, uma fita de você gesticular calmamente pra chamar atenção, se você tá construindo uma narrativa histórica, sei lá, de revolução assim, aí você já fala de uma forma mais apaixonadamente, e aí têm essas fitas de você andar pela sala, chamar atenção, sabe, então têm todas essas dinâmicas assim que pra gente dava um significado do que a gente queria, poxa, se a gente queria que a galera se questionasse aí a gente tinha que fazer de uma forma, e o corpo também falava isso, sabe, não só a dinâmica da fala, e aí eu acho que isso também foi suspenso, quando a gente fala no Meet, acho que a galera não consegue se relacionar muito (SILVA, 2022).

O impacto da ausência do corpo no ensino de história e os significados do ensinar remotamente ainda precisam ser dimensionados em suas diversas características. Faz-se necessário compreender, retomando Hans Gumbrecht (2010), quais foram os efeitos de

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

presenças possíveis por meio dessa interface de ensino? Como as materialidades desses aparelhos (notebooks, celulares e tablets) afetaram os sentidos que transportavam? Em outras palavras, de que forma os corpos que estavam em comunicação foram tocados nesse processo? Corpos cansados, preenchidos de medos e incertezas danificam o ensinoaprendizagem, assim destacou a sua experiência o professor Rocha quando indagado sobre o significado da ausência do corpo no ensino de história.

Tinha dinâmica que funcionava, mas foi um caso bem atípico assim, porque eu acho que também agrega muito a questão do cansaço, que tava todo mundo naquele momento sentindo, houve aulas que teve aluna que, por exemplo, tava super mal e desabou a chorar, falando que tinha perdido o tio por COVID, então situações assim que abalavam, mas [tempo], às vezes era meio estranho, né, tipo, sei lá, meio Black Mirror, você olhar um monte de conzininhos, às vezes nem foto, você tá dando aula pra JM [risos] (ROCHA, 2022).

Diante disso, ainda pensando o corpo, ensinoaprendizagem e os horizontes deslocados ou enfraquecidos no tocante à formação profissional nesse contexto, a professora Miranda deixou alguns indícios sobre como sua formação foi percebida nesse processo.

Eu acho que possivelmente enriqueceu, mas não por caminhos que foram fáceis, né, tipo assim, no fim, no fim a gente não queria ter a nossa formação enriquecida [dessa forma], mas como esse processo se impôs assim, e a gente tendo que encontrar formas de lidar com essa situação, acabou que foi um processo enriquecedor, mas com muitas dificuldades, e acredito que para o aluno em si, não foi [tempo], não sei, não sei dizer [risos], não foi um processo tão enriquecedor, acho que foi muito mais difícil assim, aprender pelo remoto, sabe, a dificuldade de colocar as dúvidas, as questões em relação ao assunto, acho que foi muito mais difícil, eu não sei se foi enriquecedor não (MIRANDA, 2022).

Fica nítido que ensinar e aprender história numa roupagem digitalizada de ensino foi uma tarefa não só desafiadora, mas também perturbadora em alguns aspectos. As narrativas tecidas pelos/as professores/as evidenciam inúmeros caminhos e significados a serem trilhados e buscados quando o assunto é compreender esses processos. Mergulhar nas experiências concretas da docência em história nesse contexto

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

pandêmico, em específico, em algumas realidades educacionais da cidade de Feira de Santana/BA, foi também um processo de aprendizagem, tanto sobre o ensinar e aprender, quanto sobre qual lugar essa experiência de ensino ocupa na trajetória e na formação desses/as professores/as.

As questões aqui colocadas ainda precisam de mais atenção. Tendo em vista os limites e a natureza desse texto, muitas delas serão retomadas no decorrer desta pesquisa, que teve aqui apenas alguns dos seus resultados apresentados e discutidos. De modo geral, esta etapa do texto se ocupou em trazer à tona parte dos significados sociais atribuídos pelos/as professores/as entrevistados/as sobre a ausência do corpo no ensino de história, em outras palavras, como vivenciaram e perceberam esses processos. Os significados apontados carregam marcas distintas, complexas e contraditórias que em muito ainda precisam ser examinadas.

3. Considerações ainda iniciais.

A relação social de ensinoaprendizagem, mediada por dispositivos remotos, certamente implicou em desdobramentos ainda não mensurados no ensino de História, produzindo ecos na interação entre os saberes diversos agenciados na experiência profissional docente no contexto do Ensino Remoto Emergencial (ERE), e ressoando nas questões desafiadoras que geraram tensões nesta interface de ensino vinculada a uma ausência do corpo. Essa pesquisa se interessou em mapear algumas experiências e os caminhos atravessados por profissionais da docência em História no ensino remoto de escolas públicas em Feira de Santana-BA, buscando assim compreender como esses atores não só viveram esses processos, mas, sobretudo, como narram e significam os mesmos.

Ainda que iniciais, as considerações aqui tecidas reforçam a necessidade de mais problematizações a cerca dessas experiências, de modo a buscar sólidas compreensões em relação ao ensinar e aprender história remotamente, ao construir noções de tempo e espaço referentes às narrativas e elaborações do passado histórico em sala (virtual) de aula. Explicitando as contradições que marcaram esses fazeres, a professora Miranda

HISTÓRIA, CRISE AMBIENTAL E

VULNERABILIDADES SOCIAIS

PUC Goiás / 2 a 6 de maio de 2022/ Formato híbrido

demarcou que “um dos pontos mais positivos” para a sua prática foi a “questão [...] de me enxergar na tela [risos]”, ou seja, mesmo cercado por tensões e ausências e, tendo como pano de fundo um cenário de caos, o Saber-ser docente na tela deixou traços positivos nas experiências docentes aqui mencionadas.

Referências.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz. **O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história.** São Paulo: Intermeios, 2019.

COSTA, Cléria Botelho. **História Oral**, v. 17, n. 2, p. 31-46, Jul/Dez. 2014. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/403/pdf>. Acesso em: 08 Ago. 2021

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

KHOURY, Yara Aun. **Projeto em História**, São Paulo, v. 22, p. 79-103, Jan/Jun. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10731/7963>. Acesso em: 10 Set. 2021

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 281-289, Maio/Agosto. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/y8vR5W3t6YRvnRk4fWdM54y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 Dez. 2021.

TARDIF, Maurice. **Vertentes**, Minas Gerais, v. 29, p. 1-28, Jan/Jun. 2007. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_29/maurice_tardif.pdf. Acesso em: 02 Jul. 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.